



Análise da linguagem e discurso de professores da rede estadual de ensino no município de Picos – PI

Antônio Marcelo Silva Lopes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – antonio_marcelo05@hotmail.com.
Poliana de Sousa Carvalho
UFPI/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – poliana_sousa05@hotmail.com.
Francisca das Chagas Alves da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – fran-arosio@hotmail.com.
Sergio Bitencourt Araújo Barros
UFPI/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – sbarros@ufpi.edu.br.
Francisco de Assis Araújo Barros
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – fbarros@ifpi.edu.br.

Resumo: A sala de aula é palco de interações entre professor e aluno que podem ou não resultar em aprendizagem significativa. Estas interações dependem principalmente da linguagem do professor e do discurso por ele utilizados. Desta maneira, este trabalho buscou analisar o discurso e a linguagem de três professores da rede estadual de ensino em escolas no município de Picos-PI. A pesquisa se deu por meio a avaliação da aula, na qual foram levantados alguns critérios e os mesmos foram quantificados. A análise mostrou que prevalece o discurso o autoritário e que a linguagem que mais comum nas aulas é a oral e escrita, indicando que a linguagem científica dos professores carece de uma reflexão para que possa haver a aprendizagem significativa.

Palavras chave: Linguagem, Metodologias, Aprendizagem significativa.

1. Introdução

A comunicação entre o mundo e o ser humano se dá por meio da linguagem. De fato, se não há linguagem não há comunicação e esta por sua vez consoante Sousa, Campos e Benite (2014), é exercida por um conjunto de signos e regras reconhecido por uma dada comunidade, chamado também de língua.

Para aprender Química, de acordo com Mattos e Wenzel (2013), é preciso entender sua linguagem e seu uso no contexto do ensino de Ciências, uma vez que é na sala de aula que há uma efetivação da relação entre professor e aluno, onde o primeiro é responsável pela “mágica” de ensinar e o segundo, a partir da relação com os conceitos científicos, fórmulas, vivências em sala de aula, pode ou não aprender o que se espera.

Conforme Silva, Jófili e Barbosa (2003) expõem, uma das maiores dificuldades na compreensão dos conteúdos químicos pelos alunos dos níveis fundamental e médio, está relacionada na maioria das vezes ao fato da Química ser estudada de forma fragmentada.

Desta forma, na perspectiva da importância da linguagem na sala de aula e seu papel na comunicação e efetivação do conhecimento, e da necessidade de espaços favoráveis para que isto aconteça este trabalho se propôs a identificar e caracterizar os diversos tipos de linguagem e de discurso utilizados pelo professor na sala de aula em escolas da rede pública da cidade de Picos-PI, e sua importância na construção dos conceitos químicos.

2. Procedimentos Metodológicos

ISSN:2316-8854 - Edição atual - Anais do EITEC. Volume 4, Número 1. Picos: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, 2018



Este trabalho foi desenvolvido em escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Picos-PI e classifica-se como pesquisa de campo. A partir de estudos e revisões bibliográficas, alguns critérios foram definidos com base nos autores Silva, Jófili e Barbosa (2003) e em seguida escolhidos três professores (P_1 , P_2 e P_3) ambos Licenciados em Química. Não houve seleção prévia de conteúdos a serem observados, pois a pesquisa não tinha como foco um conteúdo específico de química.

Após a escolha dos professores, foi montada uma tabela de avaliação preenchida durante o decorrer das aulas. Esta analisou a) a linguagem dos professores escolhidos: oral, escrita, lúdica, simbólica e conceitual; e b) seu discurso: autoritário, lúdico, polêmico. Antes de iniciar a aula, foi levantado o perfil dos professores, contendo informações sobre a sua formação acadêmica e o tempo de atuação em sala de aula.

3. Resultados e discussões

Os professores P_1 , P_2 e P_3 , possuem respectivamente 05, 13 e 02 anos de docência. O professor P_1 atualmente é aluno de mestrado em Química e atua em 02 escolas públicas como professor substituto e 01 escola da rede privada. Os professores P_2 (atua em 02 escolas da rede pública e 02 da rede privada) e P_3 (atua em 01 escola da rede estadual) são alunos de especialização em Ensino de Química.

A análise da linguagem mostrou que entre os professores analisados, há uma variância na utilização das linguagens (oral, escrita e conceitual).

Linguagem Oral

Professor P_1 : Possui bom tom de voz, linguagem oral bem característica e domínio de turma.

Professor P_2 : Possui bom tom de voz, mas observa-se uma linguagem inapropriada para sala de aula, uma vez que interrompe muito a aula para contar seus problemas pessoais.

Professor P_3 : Possui tom de voz intermediário, eleva muito a voz para que a turma “preste atenção” na aula.

Durante as aulas de química, a principal ferramenta para a efetivação do ensino-aprendizagem é a linguagem oral dos professores. A linguagem oral, segundo Ramos e Moraes (2009) possibilita a reconstrução de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e de pensamento que podem concretizar novas formas de aprendizagem.

Linguagem Escrita

Professor P_1 : Possui letra legível, facilitando a compreensão. Organiza no quadro a fala de acordo com a escrita, utilizando uma sequência lógica de conceitos.

Professor P_2 : Possui letra legível, boa linguagem escrita, organização e sequência lógica na utilização do quadro.

Professor P_3 : Possui letra pequena e pouco legível, mas apresenta sequência lógica na utilização do quadro.

Ao se observar a linguagem escrita dos professores, nota-se a importância de uma sequência lógica além de uma letra legível aos alunos. Queiroz (2001) afirma que a linguagem



escrita é uma ferramenta que pode ser utilizada para melhorar a compreensão dos conceitos além de facilitar a comunicação entre professor e aluno.

Linguagem Conceitual

Professor P₁: Possui bom domínio dos conceitos científicos, cometendo pouco ou nenhum erro conceitual.

Professor P₂: Possui domínio regular dos conceitos científicos, cometendo alguns erros conceituais repetitivos.

Professor P₃: Possui baixo domínio conceitual, cometendo muitos erros, os quais passam despercebidos pelos alunos uma vez que não conhecem e não sabem dizer se está errado ou não.

O nível da linguagem conceitual dos professores merece bastante atenção. Os erros conceituais cometidos pelo professor *P₂* e principalmente pelo *P₃* podem levar os alunos a associarem um conhecimento errôneo, prejudicando assim seu aprendizado. *Morais et al.*, (2014) afirma que uma das maiores preocupações é a forma com que os alunos se apropriam dos conceitos científicos, e o papel que a linguagem exerce nesse processo ficando evidente a necessidade de se buscar novas teorias e métodos para que sejam favorecidos estes aspectos dentro da prática pedagógica.

Todos os professores apresentaram boa representação simbólica, contudo, nenhum fez uso da linguagem lúdica. Com relação ao discurso, o autoritário foi o mais marcante e presente, em detrimento do polêmico em contraposição nenhum dos três professores fez uso do discurso lúdico.

Acerca do discurso autoritário, Magalhães, Ninin e Lessa (2014) afirmam que é preciso abrir espaços de discussão que favoreçam o diálogo na sala de aula e o autoritarismo dificulta as colocações das vozes dos participantes, minimizando as possibilidades de autonomia com relação ao conhecimento. Por outro lado, o discurso polêmico, consoante Capecchi, Carvalho e Silva (2000), envolve os alunos na busca de recurso discursivo que valide seu conhecimento.

4. Considerações finais

Após a realização do trabalho e análise dos dados coletados é evidente a necessidade de se pensar e repensar a importância do papel da linguagem na comunicação em sala de aula, atrelada ao tipo de discurso dos professores. Nota-se uma carência na utilização de linguagens lúdica e simbólica, além de algumas falhas nas linguagens oral, escrita e principalmente conceitual dos professores o que acaba por dificultar a aprendizagem dos alunos.

Desta forma, é fundamental que os professores além de revisarem seu tipo de discurso e linguagem promovam momentos discursivos em sala de aula mais ricos e construtivos, levantando questões polêmicas que levem os alunos a refletirem sobre os conteúdos estudados, promovendo uma aprendizagem significativa.

5. Referências

CAPECCHI, M. C. V. M.; CARVALHO, A. M. P.; SILVA, D. **Relações entre o discurso do professor e a argumentação dos alunos em uma aula de física.** Rev. Ensaio, v.02, n.02, 2000, p.152-166.

MAGALHÃES, M. C. C.; NININ, M. O. G.; LESSA, A. B. C. T. **A dinâmica discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo?** Bakhtiniana, São Paulo, n.01, 2014, p.129-147.

ISSN:2316-8854 - Edição atual - Anais do EITEC. Volume 4, Número 1. Picos: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, 2018



MATTOS, A. P.; WENZEL, J. S. **A importância do uso da linguagem química no ensino fundamental.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6, 2013. *Anais...* 2013.

MORAIS, R. O. et al. **Reflexão sobre a pesquisa em ensino de química no Brasil através do panorama da linha de pesquisa: linguagem e formação de conceitos.** Rev. Holos, vol. 4, 2014, p.473-491.

QUEIROZ, S.L. **A linguagem escrita nos cursos de graduação em Química.** Rev. Química Nova, v.24, n.1, p.143-146. 2001.

RAMOS, M. G.; MORAES, R. **A importância da fala na aprendizagem: os diálogos na reconstrução do conhecimento em aulas de Ciências.** In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências, 7, 2009. *Anais...* Florianópolis, 2009.

SILVA, J. M.; JÓFILI, Z. M. S; BARBOSA, R. M. S. N. **O falado e o entendido: um estudo da linguagem química na sala de aula e da percepção dos professores de sua importância para a aprendizagem dos alunos.** In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Em Ciências, 4, 2003. *Anais...*Bauru, 2003.

SOUZA, A. L. V.; CAMPOS, M. L.; BENITE, A. M. C. **Estudos sobre a Utilização da Comunicação Não Verbal na Aula de Química.** Rev. Quím. nova esc. vol. 36, n. 2, 2014, p. 150-161.